

HISTÓRICO DA IMPRENSA SANTISTA

1848 — 1936

Francisco Martins dos Santos † (*)

ABSTRACT

The press is a powerful vehicle to allow the free manifestations of the human thought.

Rio de Janeiro, for instance, was a malformed city till the beginning of its first press (1808); São Paulo initiated its coherdation in newspaper in 1827; the city of Santos began to publish its first newspaper in 1848 with the "Revista Comercial".

Since that year, a great number of important names has given their contribution to Santos press-important names in Politics, Literature, Religion, Law, fighting by ideals of freedom both physical and intellectual.

In 1900 "A Tribuna" is founded by Olympio Lima; this newspaper remains till our times and became one of the most important newspapers of Brazil.

There were also several publications in Santos that could not be called press, but have subsidiary elements, as "Indicador Santista", "Almanach" ("Diário de Santos") and "Polyanthéa".

Santos ocupa, sem contestação, na história da imprensa brasileira, paralelamente à sua própria importância na história geral do Brasil, lugar de marcado relevo.

Os quase cem anos decorridos sobre o aparecimento do seu primeiro jornal impresso, foram uma esplêndida sucessão de folhas e revistas, em cujas colunas as mais autênticas mentalidades apareceram, as mais brilhantes inteligências se manifestaram e as mais vigorosas culturas se expandiram, formando esse passado jornalístico que é um patrimônio de que os santistas podem se orgulhar.

A imprensa, coube sempre um grande papel na vida dos países. Já como elemento divulgador, já como elemento reivindicador, ela tornou possível aos povos o conhecimento das idéias, das coisas, e dos ideais coletivos e permitiu a esses mesmos povos uma rápida organização social, uma coordenação de forças e de programa, a realização enfim do progresso com

(*) Fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Santos.

as conquistas de toda ordem. Permitindo a criação do primeiro jornal, a "Acta Diurna", no ano 168 da nossa era, sem o supor talvez, Marco Aurélio, a nosso ver, entregou aos homens a verdadeira alavanca que um dia lhes permitiria levantar o mundo, não esquecendo aqui, o que seria injusto, o humilde obreiro alemão João Guttenberg, que, com a sua invenção de 1440, permitiu o aparecimento dos jornais impressos. Um simples olhar para o passado das cidades e das nações, nos demonstrará o quanto devem todas elas à imprensa, a essas folhas minúsculas de papel, cuja força existe apenas em espírito, e que, de mão e de casa em casa, modesta e quase sempre incompreendidamente, vão preparando como já prepararam outrora o caminho do futuro aberto ao passo das novas gerações.

O Rio de Janeiro era uma sociedade informe antes do aparecimento da sua primeira imprensa, a 10 de setembro de 1808, com a "Gazeta do Rio de Janeiro", e S. Paulo só padronizou sua mentalidade e coordenou seus surtos, depois que a 7 de fevereiro de 1827 apareceu em seu seio, a sua primeira imprensa, o "Pharól Paulistano".

Que diremos de Santos? Quando a sociedade santista estudar a história da sua terra nestes oitenta anos verá o grande papel que nela desempenhou essa mesma imprensa, verá o quanto lhe deve a cidade progressista, rica e mentalizada que hoje aí está entregue ao seu gozo; porque, quando se fala em imprensa em Santos, fala-se, podemos dizer, em todos grandes vultos da terra, em todos os abnegados dos seus vários problemas, sempre defendidos na tribuna da imprensa, nesses homens que gastaram sua fortuna, sua inteligência e sua própria vida, muitas vezes, na elaboração dessas verdadeiras pastilhas de vida da sociedade atual, e cujo prêmio foi, invariavelmente, o esquecimento.

O primeiro jornal impresso que circulou em Santos foi o chamado "Revista Commercial", jornal existente em caráter manuscrito, ao que consta, desde 1845, mas cujo primeiro número tipografado circulou somente a 2 de setembro de 1848, com caráter literário, político e noticioso, sendo seu fundador e redator o Dr. Guilherme Délius. Esse jornal, em 1857, passou à propriedade do Dr. Antonio Pereira dos Santos, santista ilustre, que o manteve até pouco depois da Guerra do Paraguai, sempre com o mesmo feitio de órgão noticioso e conservador, vendendo-o em 1872 ao Dr. José Emilio Ribeiro Campos, que o transformou no novo órgão de publicidade, o famoso "Diário de Santos", aproveitando daquele primeiro apenas as oficinas.

O Dr. Antonio Pereira dos Santos era homem de ilustração e cultura, tendo figurado em diversas legislaturas municipais do segundo império. Em 1856, Joaquim Roberto de Azevedo Marques fundava "O Commercio", entregando sua direção ao seu irmão, o escritor Roberto Maria de Azevedo Marques.

Em 1859 aparecia a primeira revista local conhecida — "O Itororó" — política, literária, científica e artística, como dizia o seu cabeçalho, tra-

zendo como fundador e redator principal ainda o Dr. Antonio Pereira dos Santos, como ótima colaboração.

A 29 de setembro de 1868, aparecia a primeira "Cidade de Santos", não nos constando o nome do seu fundador.

Em 1871 surgia "O Pylilampo", jornal noticioso e filiado mais ou menos às idéias do então recente Partido Liberal Radical de S. Paulo. Fundara-se ele da junção da quadra representada pelo padre Francisco Gonçalves Barroco, José do Sacramento Macuco, Dr. Hyppolito da Silva e Antônio Manoel Fernandes, figuras eminentes da sociedade santista, o primeiro — religioso de muita competência e atividade, que mantinha um colégio para os pobres; o segundo — chefe de importante família, conhecido dramaturgo, homem de grande inteligência, que seria depois uma das figuras principais dos dois movimentos da Abolição e da República, vereador municipal em várias legislaturas e signatário da Constituição Santista de 1894; o terceiro — advogado pela Academia de São Paulo, que tanto nome adquiriria mais tarde na Capital para onde se transferiu em 1880, e o último, santista de notoriedade, que abandonara o Curso de Direito já em seu terceiro ano, escritor, abolicionista e republicano, vereador de várias legislaturas mais tarde e por fim também signatário da Constituição Municipal de 1894.

Nesse mesmo ano de 1871, aparecia "A Imprensa", fundada com capital de José Ignácio da Glória, o amigo abnegado de Santos e de São Vicente, sob a direção forte de Xavier da Silveira, formando com o "O Pylilampo" a primeira imprensa liberal-radical da cidade. Xavier da Silveira era a figura do verdadeiro campeão do liberalismo desenvolvido após a guerra, o tribuno máximo de São Paulo, que na expressão de José Bonifácio (O Moço) "quando falava não era um orador, era um fenómeno".

"A Imprensa" durou três anos, os três últimos que restavam à mocidade de Xavier da Silveira, desaparecendo oficialmente com ele. Este jornal, entretanto, teve uma segunda fase, porque, pouco depois, a 8 de outubro de 1874, voltava a circular como propriedade da Empresa Tipográfica Imparcial, e sob a direção do mesmo José Ignácio da Glória, ex-sócio de Silveira.

Em 1872, a 10 de outubro, apareceu o primeiro número do notável "Diário de Santos". Fundado pelo Dr. José Emílio Ribeiro Campos pela compra de todo o material da velha "Revista Commercial", à qual sucedeu, esse jornal foi por muitos anos o arauto da liberdade e o grande batalhador das conquistas liberais da cidade, como do seu progresso em todos os sentidos. Pela direção e pela redação desse órgão importantíssimo, passaram com o tempo os vultos respeitáveis de João José Teixeira, do Dr. Alexandre Martins Rodrigues, Carlos Affonseca, Isidoro Campos, filho do fundador e santista de muito merecimento, Navarro de Andrade, Arthur Bastos, Eduardo Salamonde, Manoel da Rocha, Rubim César,

Galeão Carvalho, Oliveira Braga Filho, Inlez de Souza, Heitor Peixoto, Alberto Veiga, Nogueira de Carvalho, Vicente de Carvalho, Gastão Bousquet, Cunha e Costa, Emilio Ruéde, João Phóca, e por fim o Dr. Tito Brasil e Valentim de Moraes, contando sempre com rutilantes penas, como Martim Francisco, Rubim César, Silva Jardim, Júlio Ribeiro, João Luso e tantos outros titulares da cultura brasileira. Foi neste jornal que Martins Fontes, jovem ainda, publicou os seus primeiros versos.

A última fase do “Diário de Santos” verificou-se em 1917/1918, quando pertencia ele ao Dr. José Carlos de Macedo Soares, o último Ministro das Relações Exteriores, figurando em sua direção o Dr. Cezar Vergueiro e Christovam Prates da Fonseca, além de outros.

Em 1875 era o “Commercio de Santos” que surgia, sob a orientação do santista eminente que foi o Dr. Alexandre Martins Rodrigues, de velha e ilustre estirpe, jurisconsulto e homem de grande talento, a quem se unia logo no ano seguinte, a competência de Garcia Redondo, escritor e poeta, engenheiro de nomeada, que para Santos viera por ordem do Governo Imperial, a fim de superintender as obras de reconstrução da Alfândega de Santos em 1876. Também Augusto Fomm, santista ilustre, parente de ambos, literato, organizador e poliglota, embora residente no Rio de Janeiro, com eles colaborava na redação do jornal, formando com Francisco Martins dos Santos, Xavier Pinheiro, João Octávio e alguns vultos já citados, o bloco iniciador do abolicionismo santista e brasileiro.

Nesse mesmo ano de 1876 aparecia a “Gazeta de Santos”, órgão noticioso, de uma firma Andrade & Cia., da qual fazia parte Francisco de Paula Coelho, figurando à testa de sua redação Triburtino Mondim Pestana, o excelente professor, dono de uma das melhores escolas da cidade, Álvaro Fontes e Elias Pimenta, mais tarde solicitador junto à banca de Martim Francisco. Pouco depois, e também nesse ano aparecia “A Tesoura”, periódico faceto, crítico e noticioso, com tipografia à Rua da Alfândega, a Empresa Imperial.

Em 1877 surgia “O Raio”, órgão de combate, violento como o nome, fruto ainda dos esforços dos fundadores d’ “O Pylilampo” — o padre Francisco Gonçalves Barroso, o Dr. Hyppólito da Silva, José do Sacramento Macuco e Antonio Manoel Fernandes. Desaparecia então o antigo “Pylilampo” com a sua ficção moderada, para dar lugar ao inflamado órgão santista que iniciaria a fase heróica da cidade, comentando e apoiando a grande ação de Luiz Gama no cenário paulistano.

Nesse mesmo ano de 1877, os jurisconsultos Inglez de Souza e Antonio Carlos (o II) lançavam a público a excelente “Revista Nacional” — de Ciências, Artes e Letras — saindo o seu primeiro número em julho, cuja colaboração era a melhor e mais brilhante possível.

Cerca de 1878 aparecia “O Domingo”, de um grupo de literatos e jornalistas santistas, entre os quais Hyppólito da Silva, José André do Sacramento Macuco e Cândido de Carvalho. Os recortes que possuímos

deste jornal são de 1879. A 1.º de março de 1881, começava a circular a revista "A Comédia", com Silva Jardim, Valentim Magalhães, Gustavo Júlio Pinto Pacca e Adolpho Carneiro à testa, sendo redatores os dois primeiros.

De 1881 a 1883, início da verdadeira fase de ação dos abolicionistas de Santos e São Paulo, com a fundação da "Bohemia Abolicionista", a extraordinária agremiação, da juventude santista, cujo título explica os fins, organizada por Guilherme e Pedro de Mello, Francisco Bastos, Antonio Augusto Bastos, Antonio Couto, Arthur Andrade, Anthero Cintra, Luciano Pupo e Eugenio Wansuit, aos quais se juntaram, depois, Paulo Eduardo, José Vaz Pinto de Mello Junior, Brasília Monteiro, Joaquim Montenegro, e outros, surgiram três órgãos revolucionários manuscritos, o "Embrião", "O Porvir" e "O Pirata", cuja tipografia era Jacob Schalap, um menino de Santa Catarina, de letra muito bonita e dedicadíssimo à causa, e logo depois os jornais impressos "O Alvor" e "O Piratiny", ambos de Guilherme de Mello, folhas nunca esquecidas, de combate e propaganda, redigidas por ele, Arthur Andrade, "o fundibulário imberbe" como chamavam a esse jornalista de 16 anos, e Vicente de Carvalho, e mais, "O Patrióta", sob a direção de Félix Carneiro, e "A Idéia Nova", de Constantino Mesquita, ambos com a colaboração de Cândido de Carvalho, Alberto Souza, Rubim Cesar, Augusto Fomm, Francisco Martins dos Santos Júnior, Theóphilo de Arruda Mendes, Gastão Bousquet e Vicente de Carvalho, que incansavelmente trabalhava para todas as folhas locais, zurrindo monarquistas e escravocratas.

É dessa ocasião, idéia gerada nos debates dessa imprensa violenta e inflamada e amadurecida no coração dos grandes cabos abolicionistas, a fundação do famoso quilombo de "Jabaquara", glória da história brasileira, onde Quintino de Lacerda imortalizou-se e onde Santos Garraão ilustrou o proletariado português de Santos, imortalizando-se também.

Pouco depois surgia "A Procellária" com Júlio Ribeiro à testa, secundando a brilhante obra cívica e moral dos companheiros. Júlio Ribeiro era o gramático, o filólogo, o escritor, o abolicionista-republicano que, nascido em Minas, ilustrou a terra santista e descansou em seu seio.

Em fins do ano de 1883 apareceria ainda "O Popular", com Antonio Manoel Fernandes em sua direção, o cidadão prestantíssimo cuja atividade jamais esmorecia e não ficaria aí.

Faltam-nos elementos para precisar o ano, mas, cerca de 1883, circulava o "Diário do Commercio", sob a direção e redação de Vicente de Carvalho e José André do Sacramento Macuco. Possuímos deste jornal apenas recortes, que nos impedem uma citação completa a respeito deste órgão.

Logo em seguida, a 2 de julho de 1884 surgia "O Correio de Santos", fundado e dirigido por J. Guelfreire, auxiliado por Juvenal Pacheco, o

melhor repórter de então. Algum tempo depois retirou-se Guelfreire de Santos, passando o jornal à propriedade do Grêmio Português, que o entregou à direção de Júlio Ribeiro, que nessa mesma época abrira em Santos o seu externato para meninos. Abandonando-o mais tarde, Júlio Ribeiro passou o jornal à chefia de Alfredo Costa, auxiliado por João Barreto de Castro, um dos melhores elementos do grêmio gramático "Carlos Ferreira" que sintetizava a arte local.

Este jornal foi empastelado pelo povo em fins de 1889, por ocasião da "grande naturalização", decreto brasileiro que ele combateu como órgão português que era, mas com excessos de linguagem.

Ainda em outubro do mesmo ano de 1884, surgiu o "Jornal da Tarde", com Vicente de Carvalho e Alberto Souza, como fundadores e redatores.

Em 1885 fundava-se "O Lyrio", rótulo sarcástico do novo jornal de Antonio Manoel Fernandes, com que o seu fundador vingava-se simbolicamente do abandono em que o Governo Provincial deixava sua terra importantíssima, significando, que, "dos lodos paulistas do litoral surgia apesar dos pesares, o grande núcleo moral, intelectual e cívico de Santos".

Um ano depois, a 15 de agosto de 1886, aparecia o primeiro número d' "A Gazetinha", órgão da mocidade, com a colaboração de vários idealistas jovens.

Em 1886 ainda aparecia "A Evolução", de Sylvério Fontes, o livre pensador que tanta popularidade adquiriria mais tarde, nortista ligado a importante família local, contando com a colaboração de Aprígio de Macedo, Martim Francisco, João Guerra e Cândido de Carvalho. Nele, enquanto Silvério Fontes lançava as suas primeiras idéias socialistas, os seus colaboradores atiravam a público artigos violentos sobre as duas campanhas que deviam vencer em 88 e 89.

No ano seguinte, 1887, novamente Antonio Manoel Fernandes, o semeador de jornais, aparecia com o "Jornal da Tarde", com a cooperação de Alberto Souza, João Guerra e Vicente de Carvalho, os três poetas santistas, de tão caracterizada ação em favor dos dois ideais coletivos, a libertação do negro e a reforma política do Brasil.

Nesse mesmo ano Alberto Souza e Gastão Bousquet lançavam em sua terra, "A Revista", folha literária e republicana.

Logo em seguida, no ano histórico de 1888, em janeiro ainda, surgia a notável "Cidade de Santos", a segunda desse nome, da firma Marques & Cia., cujo sócio principal era Brazilio Marques, sob a direção de Martim Francisco, o ilustre pensador, tribuno, escritor e incorrigível humorista. Aí, nessa verdadeira tribuna, deveriam sucedê-lo com o tempo, Cesário Bastos, Alberto de Souza, Antônio Augusto Bastos, Sebastião de Faria, Eurico Saldanha, Dr. Paulo Passalacqua e por fim, já em 1911, Francisco Pereira. Neste jornal como no "Diário de Santos", as duas mais fortes

colunas da sociedade santista durante muitos anos, brilharam os melhores espíritos e as mais invejáveis inteligências, citando-se além de outros, Carlos Escobar e Emílio Ruéde, o excelente pintor e homem de cultura que tão importante papel teria depois na imprensa do Rio de Janeiro.

Nesse mesmo ano de 1888, que coroou a obra dos abolicionistas da Província de São Paulo, aparecia também o “Diário de Notícias”, sob a direção e a redação de João Guerra, o impetuoso poeta republicano, a tempo de reforçar a corrente de opinião, o movimento geral promovido em favor dos grandes ideais vencedores, surgindo ainda no mês de novembro desse ano, o “Diário da Tarde”, órgão noticioso, de uma firma Machado Cabral & Cia.

Foram os três últimos jornais fundados antes de 1890.

Começava então uma nova fase do jornalismo santista. Desaparecidos quase todos os órgãos de propaganda com a realização dos ideais que os originara, logo em março de 1890 aparecia “O Diário da Manhã”, entregue à direção de Vicente de Carvalho, o qual por sua vez escolhia para auxiliares, Cândido de Carvalho, Alberto Souza, Júlio Riedel, Miguel Ribeiro e Juvenal Pacheco, o repórter boêmio, conhecidíssimo e estimado em todas as rodas da cidade. Este jornal teve fases agitadas, como órgão de oposição republicana que foi desde o seu início, que culminaram com os acontecimentos verificados na deposição do Dr. Américo Brasiliense, ocasião em que Vicente de Carvalho, o futuro Secretário do Interior dos Governos Cerqueira César e Bernardino de Campos, nele estabeleceu o quartel general dos revolucionários santistas.

A 1.º de novembro desse mesmo ano de 1890, aparecia “O Nacional”, órgão oficial do Partido Republicano, sob a direção de Horácio de Carvalho. O aparecimento destes dois jornais foi fruto da cisão verificada na política republicana da cidade, e que a dividiu em dois campos distintos e francamente adversos, embora do mesmo credo, e então, “O Nacional” ficou sendo o órgão oficial da parte que apoiara a candidatura do Dr. Bernardino de Campos à deputação estadual, esposada pelo Governo, enquanto a parte dissidente, que continha sem dúvida alguma os melhores elementos e os de mais serviços à causa da República em Santos, e que apoiara a candidatura de Júlio de Mesquita, como resgate à dívida de gratidão popular, pela atitude do grande jornalista durante a epidemia da febre amarela, mantinha como seu órgão oficial o “Diário da Manhã”, para esse fim fundado em março.

Em 1890 circulava uma “Revista Illustrada”, muito bem servida e montada, em cujas páginas apareciam vários nomes em evidência no meio literário santista. Acreditamos que essa revista tenha sido fundada nesse mesmo ano ou pouca coisa antes.

Ainda deste ano parecem ser os periódicos “O Caixeiro”, “O Domingo” e a “Sempre Viva”, redigidos pelo literato e abolicionista santista Alfredo Ramires Esquivel, como depreendemos de umas notas jornalís-

ticas de 16 de janeiro de 1896 deixadas por José André do Sacramento Macuco.

Em 1892 aparecia "Acção Social", fundada por Sylvério Fontes, o ilustre sociólogo e livre pensador, primeiro órgão doutrinário talvez do Estado de São Paulo, com a cooperação do Dr. Raymundo Sóter de Araujo e Carlos Escobar, folha essa que durou dois anos.

Em 1894 surgia o "Santos Commercial", sob a direção de Eurico Saldanha, e, logo a seguir, no mesmo ano ao que parece, entrava a circular "O Jornal", sob a direção e redação de Alberto Souza.

Em princípios desse ano de 1894, mantinha o santista Deocleciano Augusto Fernandes, em Santos, um pequeno órgão semanal, denominado "A Tribuninha". Nessa ocasião surgiu em Santos Olympio Lima vindo do Pará para o Rio de Janeiro e daí para Santos. Trazia ele uma carta de José do Patrocínio para o Diretor da "Platéea", em São Paulo, o Dr. César Ribeiro se não nos enganamos. O ambiente político de Santos estava então revolucionado, ainda em consequência dos acontecimentos de 1893, dividindo-se os anti-florianistas em dois grupos poderosos, um sob a chefia do Dr. José Maria Tourinho, e outro sob a direção de Américo Martins dos Santos e Ricardo Pinto de Oliveira. Olympio Lima mal começara a trabalhar numa firma industrial da cidade. O acaso fez aí, com que um nortista de Santos o reconhecesse na rua, e pouco depois, este, que mal tinha com que se manter alguns dias e que por isso já projetava seguir imediatamente para S. Paulo, ficasse em Santos, sob a proteção do grupo do Dr. Tourinho, acabando por chamar a si "A Tribuninha", o pequeno jornal de Deocleciano Augusto Fernandes, fundado a 26 de março de 1894, que passou a ser então "A Tribuna do Povo", a qual pouco depois era suspensa pelas autoridades, sendo perseguido o seu redator. Olympio Lima não esmoreceu porém, e logo em agosto do mesmo ano editava o "Correio da Semana", de que saíram alguns números, até que a 10 de setembro seguinte, recomeçava em 2.^a época a mesma "Tribuna do Povo", hebdomadária, depois bi-semanal e por fim diária.

Alguns anos depois, Olympio Lima vendeu ou entregou a "A Tribuna do Povo" por dívidas, a um capitalista que a transmitiu a Gastão Bousquet, que chamando para companheiro de redação a Vieira de Almeida, moço inteligente, funcionário da Alfândega e jornalista nas horas vagas, manteve o jornal durante algum tempo, até que também por dívidas no valor de mais de dez contos, foi obrigado a entregar tudo ao cidadão João Constantino Janacópulos, seu credor, o qual, por sua vez procurando Henrique Porchat de Assis, fez-lhe entrega de todo o acervo do jornal com a condição deste empregar o material no "Diário de Santos", do qual era então um dos dirigentes.

Pouco depois, o "Diário de Santos" instalava na Rua 15 de Novembro (antiga Direita) todo o aparelhamento superior da "Tribuna do Povo", iniciando uma nova fase do velho órgão do Dr. Ribeiro Campos.

Assim, só em 1900 foi que Olympio Lima novamente se meteu na lida da imprensa, e aí, não podendo instalar jornal com o antigo nome de "Tribuna do Povo", dado o fato da sua venda a Gastão Bousquet e a subsequente insolvabilidade deste, instalou então "A Tribuna", continuadora moral da antiga "Tribuninha" e da "Tribuna do Povo". Na "A Tribuna", desde a sua instalação em princípios de 1900 e em sua fase anterior, colaboraram com Olympio Lima, jornalistas de todas as têmperas, como Francisco Pereira, Secundino Arantes, Alfredo Pinto, Fernando de Magalhães, Manoel Marinho, Gastão Bousquet, Aprígio de Macedo, Ângelo Souza, Hugo Silva, Deoclécio de Oliveira, Frederico Rhossard, e nos últimos tempos de sua vida, Arthur Peixoto, Urbano Neves, Manoel Pompílio dos Santos, Alberto Veiga, Valentim de Moraes e alguns outros. Morrendo em 1907 Olympio Lima, assumiu a administração do jornal, como seu testamenteiro, José de Paiva Magalhães, que o dirigiu até 1909, ocupando a redação dele durante esses dois anos de transição o Dr. Urbano Neves, Tito Lívio Brasil, Pires Domingues e Aquilino do Amaral.

Em 1909, de acordo com a Lei, o acervo de "A Tribuna" foi levado a hasta pública, sendo aí rematado por M. Nascimento Junior e Rossio Egydio de Souza Aranha, tendo este último se retirado da sociedade em 1910, deixando só aquele primeiro arrematante, em cujas mãos continua o velho órgão até hoje, tornado agora um dos grandes jornais do Brasil.

Desde 1909, passaram pela redação da "A Tribuna", Brenno Silveira, Argemiro Acayaba, Luiz Paes, Euclides de Andrade, Rubens do Amaral, Miranda Rosa, Mário Neves da Costa, Antonio Stockler de Araujo, Elyseu César, Menotti Del Picchia, S. Galeão Coutinho, Albertino Moreira, José Maria Gonçalves, R. Molina Cintra, Octávio Veiga e Moacir Chagas, nela aparecendo como colaboradores brilhantes nomes do jornalismo e da literatura nacionais, como Medeiros Albuquerque, Viriato Corrêa, Benjamin Constallat, Carlos Maul, Alberto Souza, Veiga Miranda, Rubens do Amaral, Costa Rego, Jayme de Barros, Galeão Coutinho, Álvaro Augusto Lopes, Affonso Schimidt, Moacir Chagas e tantos outros.

Um ano depois do aparecimento da "Tribuninha", em 1895, aparecia "A Folha", fundada e redigida por Alberto Veiga.

Mais ou menos nesta época, Ângelo Souza fundava diversos jornaizinhos, de pouca duração, cujos nomes e datas nos escapam.

Em 1896, Martins Fontes, então em plenos arroubos de uma juventude irriquieta, lançava entre a sociedade local que apreciava muito a sua precocidade, os seus órgãos manuscritos: "A Metralha" (para explosão aos Domingos), e "O Democrata", de parceria com Carvalhal Filho, logo depois; ambos de efêmera duração.

Nesse mesmo ano de 1896 aparecia "A Arte", órgão do Grêmio Dramático "Arthur Azevedo", fundado por José Moreira Sampaio Junior, "O Juquinha", como o conheciam nas rodas artísticas e literárias de então,

e Antonio de Arruda de Mendes, o "Quincas Mendes". Valia este jornalzinho pelo núcleo de valores que representava, onde apareciam os nomes de Baptista Coelho, o "João Phóca", Vieira de Almeida, Carlito Affonseca, Damasceno Vieira, Aprigio Macedo, Quincas Mendes, Carlos Behn, Henrique Jayme de Mello, Armando Souza, Alfeu Silva, João Luso, Arnaldo Barreto, e outros.

Em 1898, Alberto Souza fundava a "Cidade de Santos", terceiro desse nome, órgão oficial do Partido Republicano Santista.

Em 1902, a 4 de dezembro aparecia o primeiro número do "Vanguarda Portuguesa", órgão da colônia, sob a direção de Paulo Cunha.

Em 1903, a 1.º de janeiro surgia o "Santos Illustrado", semanário, tipo revista (de arte, literatura, crítica e humorismo), sob a direção de Anatólio Valladares, com Cícero Valladares e Wladimir Alfaya na redação, os dois distintos e apurados artistas do pincel, este último filho de Santos.

Cerca de 1904, sem que possamos precisar exatamente a data, aparecia uma nova revista artística, literária e social — "Cricri" —, da qual também não sabemos quem foi o fundador, porque dela só conhecemos reportes imprecisos.

Em 1905, aparecia "O Jornal", segundo desse nome, fundado e redigido por Vicente de Carvalho, o último órgão a que se dedicou diretamente, em sua vida fecunda e inteiramente devotada ao bem público.

Nesse mesmo ano, aparecia também "O Mercantil" (propagadora, literária, noticiosa, humorística e ... buliçosa, como rezava o seu expediente), com Lúcio Brasil e Leovigildo Trindade em sua direção. Era a segunda fase desse jornal, cujo primeiro aparecimento se dera algum tempo antes, com pouca duração.

Em 1906 fundava-se "A Fita", revista humorística, literária e ilustrada, sob a direção de Bento de Andrade e Pompilio dos Santos.

Em 1907 começava a circular "A Vanguarda", sob a direção e a orientação do Dr. Silvino Martins, órgão que existiu durante seis ou sete anos.

Entre 1907 e 1908, aparecia "O Verso", interessante jornal, todo em versos, até mesmo os anúncios, criação de um punhado de poetas, onde apareciam Fábio Montenegro, Gonçalves Leite, Custódio de Carvalho e Terencio Porto, folha essa que durou alguns três anos.

Em 1911, aparecia "O Dia", com grande aparato e importante material, mas de pouca duração, com Nereu Rangel Pestana, Roberto Filgueiras, Eugenio Roso e outros na direção.

Ainda nesse ano de 1911, surgia "A República" (folha da noite) sob a direção de Raphael Henriques.

No ano seguinte de 1912, Fábio Montenegro, o suavíssimo poeta santista, fundava "A Via Láctea", a excelente revista literária que existiu durante algum tempo sob sua direção.

Neste ano ainda, fundava-se "A Notícia", sob a direção de Antonio Stockler de Araújo e Carvalho Filho, que existiu durante quatro anos, desaparecendo em 1916, por ocasião do movimento popular verificado durante a Grande Guerra, quando a multidão revoltada pela atitude francamente germanófila desse jornal, destruiu-o ao mesmo tempo do Club Germania.

Em 1918 o Dr. Cirillo Freire, coadjuvado por Marianno Scarpini fundava a "Gazeta do Povo", lutando sempre, para entregá-la em 1924 a Alberto de Carvalho e Francisco Sá, iniciando-se aí a sua segunda fase. Em 1930, vitoriosa a Revolução do Sul, entre os jornais sacrificados pelo povo simpático à causa revolucionária, figurou esse jornal, iniciando-se por fim, no ano seguinte de 1931, a sua terceira fase, sob o nome atual de "Gazeta Popular", com Amazonas Duarte à testa.

A 23 de janeiro de 1919 aparecia o primeiro número d' "A Nota", a excelente revista literária e social, fundada por Alberto de Carvalho. "A Nota" em 1921 passou à propriedade do Dr. Cirillo Freire e Marianno Scarpini, desaparecendo logo depois.

Em 1920 surgia o "Comércio de Santos", resultado da iniciativa de uma comandita em que apareciam: Nilo Costa, Dr. De Jorge, Lincoln Feliciano, Virgílio dos Santos Magano e Christovam Partes da Fonseca. O Dr. Nilo Costa era advogado da Municipalidade e não podia figurar na direção do jornal, ocupando-a pois, Simões Coelho em seus primeiros tempos. Pouco mais tarde assumia a direção do jornal o Dr. Nilo Costa, figurando como secretário o poeta Paulo Gonçalves. Em 1922, aparecia como redator-secretário o Dr. Bruno Barbosa, e em seguida, sucessivamente, Ayres dos Reis, Álvaro Augusto Lopes e José do Patrocínio Filho, até 1926, quando assumiu a direção do jornal o escritor e poeta Affonso Schmidt. Em 1927, ficava o "Comércio" entregue à responsabilidade de Gomes dos Santos Netto, até 1928, quando passou o jornal, por arrendamento, à célebre Limitada, dirigindo-o o Dr. Daniel Ribeiro de Moraes e Silva e Martinho Camargo, figurando como redator-secretário o Dr. Nicanor Ortiz, que em 1929 passava o cargo ao Dr. Júlio Barata, tornado também Diretor, até 1930, quando os fatos da Revolução e as correrias populares de 24 de outubro daquele ano, fizeram cessar as atividades da Empresa arrendatária, que representava o Partido dominante, então deposto, aparecendo o jornal, no dia seguinte, novamente sob a direção do Dr. Nilo Costa, secretariado pelo Dr. Júlio Barata e auxiliado por Gomes dos Santos Netto, mas com o nome de "Diário de Santos", durando até 1932, quando desapareceu com a insolvabilidade do seu proprietário.

Em 1920, a 2 de junho, aparecia o "Jornal da Noite", fundado pelo Dr. José Rodrigues Bastos Coelho, hoje Major Médico do Exército, Miguel Cardoso de Souza Filho, hoje Tenente Coronel de Engenharia, Dr.

Tennyson de Oliveira Ribeiro, Antonio José Neves, comissário de café, Luiz Corrêa Paes, ainda há pouco Inspetor da Alfândega de Pelotas e o então Tenente Mário Amazonas, despachante aduaneiro. Desde o seu aparecimento em 1920, foram seus redatores, Tennyson Ribeiro, Miguel Cardoso de Souza Filho, Affonso Schmidt e Amazonas Duarte sucessivamente. Em 1925, passou o jornal à propriedade e direção exclusivamente de Mário Amazonas, situação em que se encontra, vitoriosamente até hoje.

A 21 de fevereiro de 1921 circulava o primeiro número de "Flamma", excelente revista literária e social, fundada por Norberto de Paiva Magalhães e Galeão Coutinho, provocando logo no mês seguinte o desaparecimento d' "A Nota". Anos depois, em 1929, esta revista passou, por arrendamento, à direção de Pedro Neves, e em 1931, à de Gomes dos Santos Netto e Dr. Júlio Barata. Hoje, "Flamma" está sob a direção de Gomes dos Santos Netto e Dr. Nicanor Ortiz, e se apresenta como uma revista de categoria.

Em 1923 surgia a "Praça de Santos", jornal valente e de muita força, fundado por Antônio de Araújo Cunha e Raphael Corrêa de Oliveira, redatorado por este, com o concurso ainda de Reis Perdigão e Ayres dos Reis, jornalistas que secundaram o trabalho brilhante de Raphael Corrêa, e por fim Brasil Gerson. Realizou esse jornal uma das mais violentas e destemerosas campanhas políticas que Santos assistiu nos últimos trinta anos, arrostando Leis de Imprensa e outros arrochos e medidas de compressão adotadas e criadas pelo governo Bernardes sob a repulsa geral do povo brasileiro.

Nesse mesmo ano de 1923 aparecia "O Balneário", folha de arte e literatura, trimensal, fundado por Francisco Egydio Martins, com colaboração de Galeão Coutinho, Martins Fontes, Dr. Alberto Assumpção, Dom Carlos Maria de Vallejo, Benedicto Calixto e tantos outros valores artísticos e literários da cidade. Esse jornal teve pouca duração porém.

A 1.º de julho de 1924 aparecia o primeiro número d' "A Farpa", de atualidades, humorismo e literatura, trazendo como fundador e redator Indalécio Alves, com oficina própria, transformada mais tarde em tipografia e papelaria.

Em 1926 editava-se "Terra Santista", uma revista ilustrada e literária, sob a direção de Cid Silveira e Antonio de Freitas Guimarães.

Em 1927 aparecia a "Folha de Santos", jornal fundado por Francisco Paino, Perillo Prado, Molina Cintra, José da Silva Figueira e Antonio Luiz de Oliveira, cujo primeiro número circulou a 24 de outubro. A esses nomes se juntou mais tarde, em 1929, Jayme Franco Junot, como redator. Em 1930, por ocasião das correrias do dia 24 de outubro, decorrentes das primeiras notícias sobre a vitória da Revolução, e precisamente na data em que o jornal completava três anos de existência, o povo amotinado empastelou-o, nada deixando dentro do prédio da rua do Rosário.

Em janeiro de 1931 fundava-se o “Diário da Manhã”, com o Dr. Antonio Luiz de Alvarenga na direção, secretariado por Santos Junior e mais tarde por Pedro Neves. Este jornal, em sua segunda fase, passou à direção de Ramiro Calheiros, sob a qual ainda se encontra agora, redatado por Floriano Cruz.

Nesse mesmo ano, aparece a revista “O Balneário” sob a direção e redação de Cyro Lacerda e Armando Rosas, e logo a seguir, entre 1932 e 1933, o mesmo Cyro Lacerda editava nova revista, a “Eva”, bem feita mas de pouca duração.

A 8 de janeiro de 1933 fundava-se “O Estudante”, órgão da classe, bem orientado e redigido, sob a direção de alguns estudantes das nossas escolas superiores, mantido ainda hoje, e logo depois, no mesmo ano aparecia “O Bandeirante”, excelentemente iniciado por Modesto Roma, porém de breve duração por falta de recursos, figurando nele colaboração de Martins Fontes, Valdomiro Silveira, Molina Cintra e outros conhecidos homens de letras locais.

Em dezembro de 1933 aparecia “O Idealista”, jornal-revista, fundado e redigido por Adolpho Coutinho, e em 1934, também em dezembro, aparecia em seu lugar, como uma continuação, a revista “Estrela Azul”, ilustrada e literária, sob a direção de J. Bento e Manoel da Silva Lima, órgão dos funcionários da Companhia Docas de Santos, que ainda existe, saindo regularmente.

A 11 de outubro de 1935 aparecia o “Guarujá Jornal” sob a direção de Jorge Moura, circulando até agora.

A 6 de janeiro de 1936, começava a circular “O Diário”, propriedade de uma sociedade anônima denominada “Diário Commercial”, em que figuravam cerca de trinta casas comissárias de café desta cidade, grande órgão, de cerca de 18 páginas diárias, sob a redação e direção jornalística de Octávio Veiga, saído de igual cargo na “A Tribuna” para esse fim, jornal moderno, de grande circulação e que acaba de ser adquirido pelos “Diários Associados”.

Em fevereiro deste mesmo ano aparecia a “Revista Aduaneira”, sendo seus fundadores Catão Peixoto Lopes, Joaquim de Mattos e Augusto Victor dos Santos, funcionários da Alfândega local. Em maio retiraram-se os dois primeiros ficando na direção da Revista o último deles, auxiliado desde então pelo novo Redator-chefe E.V. Lopes de Mendonça, que a vão tornando uma das melhores publicações do gênero em todo o país.

Pela altura de junho deste ano de 1936, aparecia o “Correio de Santos”, pequena folha de combate de saída irregular, sob a direção de A. Tabarelli, e finalmente, em dezembro, Mário Amazonas, proprietário e Diretor do “Jornal da Noite”, lançava, num esforço real e aventureiro, a excelente e patriótica Revista “Letras”, e ditava em castelhano, versões a cargo do redator espanhol da mesma, Sr. Pascoal Nunes Arca, destinada à propa-

ganda da literatura brasileira nos países ibero-americanos e mesmo nos Estados Unidos. Do seu primeiro número foram vendidos só em Buenos Aires, 1500 exemplares, tendo ele merecido de vários embaixadores à Conferência Pan Americana, reunida naquela capital, cartas honrosas para seu diretor proprietário, sem dúvida alguma merecidas.

Além de todos os jornais e revistas aqui citados neste esboço histórico da imprensa local, houve também em Santos várias publicações que, não podendo denominar-se imprensa, não deixaram contudo de ser seus elementos subsidiários, como por exemplo os velhos "Indicador Santista", o "Almanach" do "Diário de Santos", redigidos a cada ano e durante alguns lustros pelas mais brilhantes penas santistas, e mais recentemente, entre 1911 e 1914, a "Polyanthéa" do Liceu Feminino Santista, resumo e conseqüências dos famosos Jogos Florais de Santos, de agradável lembrança, verdadeiros certames de inteligência e intelectualidade, mantidos e alimentados pelo Dr. Adolpho Porchat de Assis, santista de saudosa memória.

FRANCISCO MARTINS DOS SANTOS

Nascido em 06.02.1903. Falecido em 11.10.1978. Fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Santos — Fundador e Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de S. Vicente — Presidente da Comissão de História dos dois Institutos — Sócio Titular do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do Instituto Histórico Guarujá-Bertioga e do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas — Sócio Honorário do Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão (RS) — Membro da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres (Rio), da Sociedade dos Homens de Letras do Brasil (Rio) e da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro — Membro do Conselho Municipal de Cultura de S. Vicente — Conselheiro do Museu Histórico e Pedagógico dos Andradas (Santos) e Membro da última Comissão Municipal de História da Cidade (Santos) — Delegado da União Brasileira de Trovadores em S. Vicente — Membro da U.B.E. (União Brasileira de Escritores), Santos — Diretor da Biblioteca Pública de São Vicente — Membro da Academia Santista de Letras, da "Casa do Poeta" de Santos e do Pen Clube.